

LEITURA DE IMAGEM: conceito e comunicação visual

Image reading: concept and visual communication

Angelina Bonente¹

Carla Fernanda C. Matsumoto¹

Eliane Nunes¹

Leticia Coelho Gomes¹

Ester Zingano¹

Resumo: Este trabalho propõe explicar sobre a leitura de imagem, o conceito e a comunicação visual. Será apresentado sobre os signos visuais que estão relacionados com o seu significado e objeto interpretante e seus diferentes tipos, como: ícone, índice, símbolos e simbologia, mostrando a diferença da semiótica, ciência geral dos símbolos e da semiótica, que estuda todos os fenômenos culturais signícos, seus sistemas de significação e interpretação. Também será abordado sobre os diferentes conceitos de semiótica a partir de suas representações e capacidades de leitura simbólica, bem como a utilização da linguagem dos signos pela comunicação visual, no desenvolvimento dos signos artísticos e como código da arte.

Palavras-chave: Leitura de imagem. Sistemas de signos. Comunicação visual.

Abstract: This work proposes to explain about the reading of image, concept and visual communication. It will be presented on the visual signs that are related to its meaning and interpreting object and its different types, such as: icon, index, symbols and symbology, showing the difference of semiotics, general science of symbols and semiosis that studies all cultural phenomena, their systems of meaning and interpretation. It will also be approached about the different concepts of semiotics from their representations and capacities of symbolic reading, as well as the use of sign language through visual communication, in the development of artistic signs and as a code of art.

Keywords: Image reading. Systems of signs. Visual communication.

Introdução

Este trabalho pretende mostrar de que forma a semiótica, ciência que estuda os signos e suas ações na mente humana através do processo de semiótica, pode possibilitar um novo olhar acerca do que o mundo apresenta aos seus “viajantes”, seja através da poesia, dos jornais, do cinema e das mais diversas linguagens, entre estas, aquelas relacionadas à arte, como a música, a literatura, as artes plásticas, o teatro, a dança e quantas mais vierem a serem classificadas.

Entre os assuntos trazidos aqui, destaca-se na semiótica, o principal precursor desta ciência, Charles Sanders Peirce, que pelo legado deixado, é considerado o pai da semiótica, bem como os demais tipos de semiótica existentes, aos quais se destacam a semiótica greimasiana e a semiótica russa, também conhecida como semiótica da cultura. Há ainda tratados do que vêm a ser semiótica, signo e semiótica, perpassando por discussões que se referem à forma em que este processo pode afetar o intelecto do espectador a ponto de permitir uma visão mais ampla e possibilitar uma leitura de imagem mais satisfatória.

Aborda ainda, os tipos de signo de acordo com Peirce e seus subsídios iniciais, que levam à uma análise completa de uma obra, como no caso de Interior Vermelho, de Henri Matisse, exemplificado ao longo do texto para ilustrar as conceituações apresentadas. Desta forma, contempla ainda a simbologia presente na vida de diversos povos, desde os primórdios da civilização.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

A partir do desenrolar das teorias sógnicas, o trabalho aponta ainda a evolução na utilização dos signos e de que forma eles afetam o dia a dia das pessoas no tempo atual, através das considerações acerca da ação dos signos nas imagens, considerando a comunicação visual, os elementos que possibilitam a decodificação da mensagem através dos signos ali presentes, até mesmo a construção da linguagem da arte, auxiliando o homem a também se aventurar na capacidade criativa que lhe é nata, criando signos artísticos ainda mais aprimorados.

Semiótica

A semiótica é a ciência geral dos símbolos e da semiose, que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas sógnicos, isto é, sistemas de significação. De acordo com Santaella (2000), a semiótica tem por objetivo investigar todas as linguagens possíveis e que o signo está relacionado a qualquer coisa, tudo o que está à nossa volta é signo. A semiótica vem da palavra grega *semeion*, que quer dizer signo. Portanto, semiótica é a ciência que estuda signos.

O signo está relacionado a qualquer coisa, que de acordo com seu interpretante, terá um significado direto. Se olharmos uma árvore, vamos identificar uma árvore, quando sentimos um cheiro de café, vamos automaticamente saber que alguém está passando café, se estivermos no volante e ouvirmos uma sirene de ambulância, vamos saber sem vê-la que devemos dar espaço, pois esta precisa passar com urgência, então tudo isso são signos que podemos interpretar tanto pela visão, percepção, audição, olfato entre outros.

Os signos visuais estão relacionados com o significado e a interpretação direta. Como na imagem a seguir, ao ver a pomba, logo ela nos traz o seu significado: paz.

Figura 1. Pomba



Fonte: Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=imagem+de+pomba&espv>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

Figura 2. Semáforo



Fonte: Disponível em: <http://www.oarquivo.com.br/images/stories/Geral_9/semaforo_topo.jpg>. Acesso em: 19 mar. 2016.

Na figura 2 (semáforo), nós, como motoristas, ao vermos que o sinal está vermelho, sabemos que devemos esperar o sinal verde para continuar. Tudo isso são signos que nos rodeiam durante todo o dia e que devemos cumprir com os seus significados através da interpretação.

Se lermos a palavra casa, vemos o desenho de uma casa, a fotografia de uma casa, uma dobradura de casa, isso tudo são signos de casa, e automaticamente iremos interpretar sobre algum aspecto ou qualidade, para entendermos como sendo esta. Segundo Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 39):

[...] Tanto a palavra quanto o desenho ou o esquema, a fotografia ou a escultura de um carro não são o próprio carro. São signos dele, um representante. Cada um deles, de um certo modo, representa a realidade do carro. Para que o signo seja utilizado/manejado por nós como signo de algo, ele tem de ter esse poder de representar, ou seja, estar no lugar do objeto, para torná-lo presente a nós através de uma presença.

Já a semiótica está ligada à significação, sendo importante que saibamos perceber e reconhecer para interpretar, se não conhecemos o objeto, o signo, não vamos identificar nem interpretar. É neste momento de interpretação que identificamos como o processo chamado de semiose.

A imagem está diretamente atrelada às experiências estéticas de produção ou recepção. Pode-se dizer que a imagem é a percepção na medida em que esta transforma a informação recebida. A partir do momento em que a imagem passa a ser compreendida como signo, passa a incorporar diversos códigos, sua leitura requer o conhecimento e a compreensão destes.

A semiótica tem por objeto qualquer sistema sógnico, seja ele pertencente às artes visuais, culinária, vestuário, religião, ciências. A seguir um exemplo na área da culinária. Na figura 3, vemos um bolo decorado com vários morangos sobre ele, automaticamente interpretamos que seu recheio seja de morango.

Figura 3. Bolo de morango



Fonte: Disponível em: <<http://culinaria.culturamix.com/receitas/bolo/receita-de-bolo-de-leite-ninho>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

A representação é um conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento. A forma de uma imagem é feita por semelhança com o objeto representado.

Semiótica peirceana

Charles Sanders Peirce foi considerado o pai da Semiótica. Segundo Bueno (2011), Peirce embasou sua teoria na noção de signo, entendido como qualquer coisa/elemento que

representa algo para alguém. A semiótica de Peirce foca nos signos e nas formas de ação que ele representa.

Observando a imagem 4, identifica-se uma cadeira, pois esta significa na sua imagem uma cadeira.

Figura 4. Cadeira



Fonte: Disponível em: <<http://www.tokstok.com.br/vitrine/default.jsf?idPagina=1237>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

Semiótica greimasiana

Greimas, conforme Bueno (2011) procurou aplicar os métodos de pesquisa da linguística estrutural à análise de textos, definida por ele como discurso. Portanto, teve como foco os signos verbais, ou seja, tudo que ouvimos, destacando-se a importância de compreender este discurso de forma mais completa, em seu processo de emissão e recepção das mensagens.

Desta forma, o sentido, que é a capacidade de produzir a compreensão e elaborar outras, é construído através da relação que se estabelece entre os significantes, os elementos semióticos intrínsecos neste, levando então à significação pela percepção do todo.

Semiótica russa

Teve início nos países soviéticos, cuja visão semiótica para os pensadores era focada na globalização da cultura. Os estudos começaram tarde, mas foram muito intensos, destacando estudiosos como Bakhtin (1895-1975), Jakobson (1896 – 1982) e Iúri Lotman (1981). Este trabalha a linguagem, a literatura, os fenômenos culturais, o mito e a religião. É considerada a semiótica da cultura.

Conforme Santaella (2000), calculam-se que haja cerca de uma centena de definições de signo em toda a obra peirceana. Um dos conceitos de signo para Peirce é que um signo ou representante, é tudo aquilo que, sobre um certo aspecto de medida, está para alguém em lugar de algo. O signo está no lugar de algo, seu objeto, porém, não em todos os seus aspectos, mas apenas com referência a uma espécie de ideia.

As definições de signo para a leitura de imagem

Ao falar em signos, logo uma gama de possibilidades de definições surge à mente, do que pode ser, de fato, um signo, além da mais simples conceituação de algo que representa alguma coisa para alguém. Sabe-se que, ao longo das 80 mil páginas manuscritas por Peirce,

conforme Santaella (2000, p. 11), aparecem mais de 100 definições diferentes para signo, o que remete à imensa complexidade do tema em questão e, claro, às probabilidades junto à leitura de imagens baseada na semiótica peirceana, esta ciência que estuda o signo.

Em um processo de semiose, conforme falado anteriormente, um signo vai gerar outro signo, que por sua vez, vai gerar outro e assim infinitamente, ou conforme Peirce, *ad infinitum*, já que a interpretação será conforme as experiências de vida de cada pessoa. Assim sendo, o interpretante de um signo se formará e será modificado à medida que chegar a um sujeito diferente.

Santaella (2000, p. 5), explica que na semiótica peirceana o signo faz parte de uma relação triádica: signo – objeto – interpretante, cujos processos acontecem a partir de fenômenos e suas relações com o mundo, pois foi através da fenomenologia que a semiótica de Peirce foi criada.

Desse modo, a teoria semiótica nos permite penetrar no próprio movimento interno das mensagens, no modo como elas são engendradas, nos procedimentos e recursos nelas utilizados. Permite-nos também captar seus vetores de referencialidade não apenas a um contexto mais imediato, como também a um contexto estendido, pois em todo processo de signos ficam marcas deixadas pela história, pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas econômicas, pela técnica e pelo sujeito que a produz (SANTAELLA, 2000, p. 5).

Diante deste potencial, percebe-se que as classificações do signo propostas por Peirce e que serão faladas adiante, oferecem subsídios para que se chegue a uma análise satisfatória aplicada aos processos sógnicos e às mensagens transmitidas nos mesmos, estejam elas em poemas, música, pintura, fotografias, entre outras fontes de informação, independente de sua natureza.

Signo – objeto

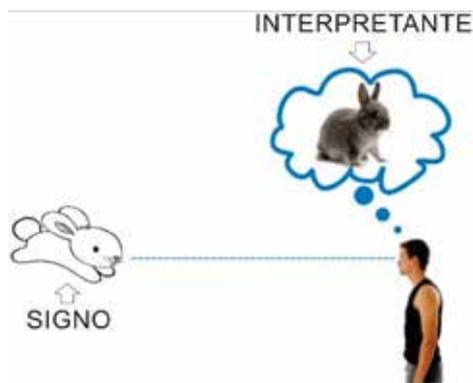
“O signo é algo que vai representar alguma coisa, ou seja, o seu objeto. Todos estes são representações que geram outras e assim por diante, mas que não são o objeto em si e, sim, esquemas que indicam a coisa material” (BUENO, 2011, p. 12).

O desenho de uma casa, não é a casa propriamente dita, sendo apenas uma representação daquilo que se tem em mente ser uma casa. Com a finalidade de aclarar mais, toma-se o seguinte exemplo: em uma sala de aula diversificada culturalmente, se a professora pedir para que os alunos desenhem sua casa, se houver um índio, ele pode perfeitamente desenhar uma oca, se esta ainda for a sua representação de casa, diferentemente de outros alunos, que podem desenhar uma casa com diversas configurações, e assim por diante.

Signo – objeto interpretante

“O signo enquanto objeto interpretante, é aquele que vai gerar outro signo na mente do intérprete, que por sua vez, será o significado do primeiro. O interpretante nada mais é que a imagem mental produzida pelo receptor do signo” (BUENO, 2011, p. 13).

Figura 5. Como o signo gera um interpretante



Fonte: Arquivo pessoal.

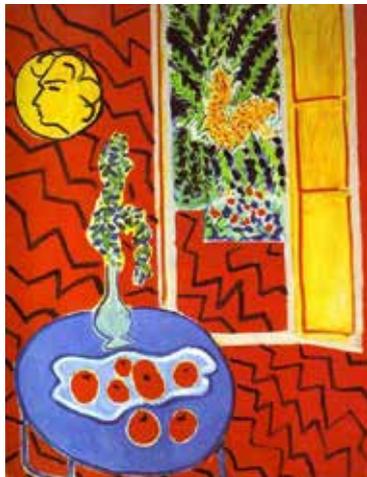
É importante ressaltar, mais uma vez, que a leitura da imagem é subjetiva, pois seu significado vai depender da vivência, da experiência de vida, conhecimentos diversos, entre outros fatores que compuseram o crescimento intelectual daquele que a observa, para que haja então o processo de semiose (ação do signo).

Princípios para uma leitura peirceana

Quando um artista vai criar uma obra, ele tem a liberdade de utilizar recursos diversos em sua criação, para representar algo para si mesmo e, conseqüentemente, para outrem, pois a partir do momento em que ele expor sua obra, um imenso leque de possibilidades de interpretação surgirá, tornando nítida a utilização de signos para que seus objetivos sejam atingidos. Geralmente, usam-se formas, texturas, cores (ou não), para instigar, através dos signos e mostrar sua intenção de representação.

Henri Matisse (1869-1954), por exemplo, pintor fauvista e um dos mais importantes artistas franceses, usava cores quentes e intensas em suas criações, conforme destaca o *site* Uniersia (2012), através do projeto “Um pouco de arte para sua vida”. A obra Interior Vermelho, Natureza Morta Sobre Mesa Azul (1947), foi uma das últimas pinturas a óleo de Matisse, que preferia representar partes internas de um local, mas sempre com uma janela que propiciava algo interessante do lado de fora, como um jardim.

Figura 6. Interior vermelho (1947) de Henri Matisse



Fonte:Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/07/02/947505/conheca-interior-vermelho-natureza-morta-mesa-azul-henri-matisse.html>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

De acordo com Lucia Santaella (2000, p. 29), o primeiro passo para iniciar uma análise com vistas à semiótica peirceana, é fazer uso da fenomenologia: “contemplar, então discriminar e, por fim, generalizar em correspondência com as categorias da primeiridade, secundidade e terceiridade”. Ao se dedicar à leitura semiótica de alguma coisa, Santaella (2000, p. 86), fala em três fases imprecindíveis. A primeira delas é a “disponibilidade contemplativa”, na qual o espectador deve se abrir sensorialmente, deixar se levar pelas cores, linhas, texturas criadas, da luz e o que mais achar importante. Isto significa que o melhor é não julgar e então, tentar ver o signo em sua pureza, sem qualquer interpretação, pois esta vem de forma muito rápida e, muitas vezes, não permite que se enxergue o que está nas “entrelinhas”. É necessário que o receptor se permita sentir o que aquilo nos quer dizer em primeiridade, o signo em si mesmo e seu potencial de apenas significar algo.

A segunda fase integra a parte da observação, em que o espectador vai tentar encontrar um primeiro indício comunicativo que a pintura pode apresentar e vai, de certa forma, instigar quem a observa: “a experiência de estar aqui e agora diante de algo que se apresenta na sua singularidade, um existente como todos os traços que lhe são particulares” (SANTAELLA, 2000, p. 86). E, por fim, a última fase, em que a pessoa vai perceber um pouco além das primeiras formas, sendo capaz de perceber as particularidades ali presentes.

Assim, após vivenciar esta experiência, com todas as ideias produzidas a partir das fases propostas, pode-se então, conforme Santaella (2000, p. 88), iniciar a análise da obra:

[...] Que a pintura é um signo, não deve haver dúvidas. Ela é algo que representa algo, sendo capaz de produzir efeitos interpretativos em mentes reais ou potenciais. Essas condições toda pintura preenche. Essa, não menos do que quaisquer outras. O que importa, no entanto, discernir é o modo como essa pintura particularmente representa o que professa representar e, em função disso, quais efeitos está habilitada a produzir em possíveis intérpretes.

Desta forma, inicia-se a análise baseada na tríade de Peirce, o que não cabe para o momento do trabalho em questão, mas o mais importante a enfatizar é que as interpretações, por se apresentarem na mente do espectador de forma imediata, podem impedir resultados satisfatórios no que tange a uma leitura de imagem, principalmente em se tratando da semiótica peirceana, cuja tríade sustenta toda a teoria de análise, sendo imprescindível dividir todos os elementos que se enquadram na primeiridade (o signo em si mesmo), a secundidade (o signo em referência ao que vai indicar) e a terceiridade (o signo diante dos efeitos que irá produzir no receptor). Seja como for, esta pintura (signo), sempre estará apta a provocar outras interpretações, outros efeitos em quem mais a contemplar. A semiótica lapida o olhar e proporciona experiências enriquecedoras naqueles que estejam abertos a vivenciá-las.

Os signos que nos rodeiam

Constantemente, somos cercados por signos diversos, e a leitura que podemos fazer desses está intimamente ligada ao repertório individual, conceitos, conjunto de valores, sentimentos, emoções e ideias que vão costurando uma colcha de significações entre si. Rubem Alves esclarece que “a música que me faz rir ou chorar, o alimento que me apetece ou me é indigesto, a carícia que alegra ou entristece: tudo isso está relacionado às minhas próprias raízes culturais” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 19 apud DUARTE JR., 1988, p. 49). O repertório pessoal, fundado nas experiências individuais, e referências culturais nos levam a construir sentidos e significações ao que observamos. Segundo Peirce, “o universo está cheio de

signos” (SANTAELLA, 2000) e, para melhor organizá-los, resolveu classificá-los em ícones, índices e símbolos.

Os ícones são signos que possuem semelhança com o objeto, têm como significado direto a imagem representada e possui leitura direta.

Vejam os exemplos:

Figura 7. Exemplos de ícones



Fonte: Disponível em: <<http://thinkstockphotos.com.pt>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

Os índices são signos que sugerem, são indicativos, representam algo que não está presente. Exemplos gráficos:

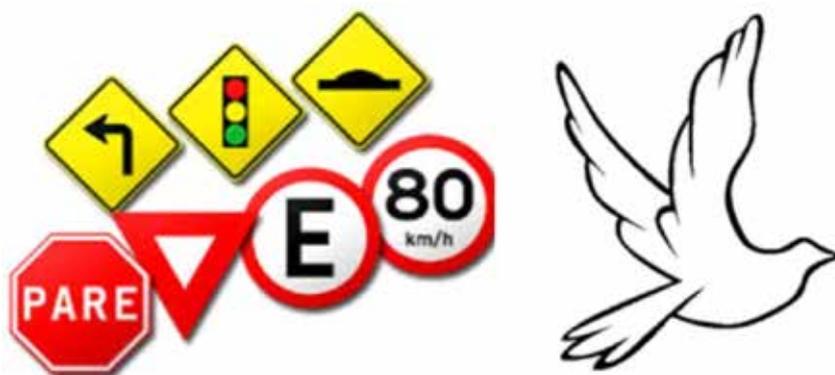
Figura 8. Exemplos de índices



Fonte: Disponível em: <<http://meussonhosnaotemfim.org.br>>. Acesso em: 27 de mar. 2016.

Os símbolos representam os objetos por convenção de ideias, através de uma convenção coletiva, ensinada e arbitrária. Exemplos:

Figura 9. Exemplos de símbolos



Fonte: Disponível em: <<http://imagensgratis.blog.br>>. Acesso em: 27 de mar. 2016.

Atualmente, a cultura vivida pelos estudantes se caracteriza por um apanhado e, até mesmo, uma saturação de imagens que informam o tempo todo. A questão é como levar para a sala de aula esse processo comunicativo. Ana Mae Barbosa menciona que a leitura de imagens prepara os alunos para apreender o que chama de “gramática visual” (BARBOSA, 1995, p.14 apud ROSSI, 2009, p. 9), possibilitando a compreensão de qualquer tipo de imagem, tornando-os atentos à produção humana, preparando-os para avaliar e ter ciência de que aprendem com estes signos. Para tanto, a utilização das categorias sógnicas em sala de aula colabora para a ampliação do repertório dos estudantes, e constrói significados imagéticos e/ou reais.

A tudo que percebemos damos ou procuramos dar um significado, esse processo Peirce intitulou de semiose ou fenômeno de significação. A semiose acontece a todo o instante, depende da bagagem intelectual e cultural de cada indivíduo e está intimamente ligado ao signo, o significante (o que se vê) e a criação de significados. Para Eco (2004), C. S. Peirce usou a ideia de signo na construção da sua teoria da Semiótica propondo que o entendimento de algo pela mente ocorre pela semiose, termo definido por ele como processo de significação. A ideia peirceana, então, é que não há lugar vazio de signos. Ao interpretar algo, traduzimos um pensamento ou signo em um outro pensamento ou signo, existe um ir e vir constante de criação de signos. E esses sistemas contínuos e incessantes de sistemas sógnicos compõem as linguagens verbais e não verbais.

Comunicação visual

A comunicação visual é um importante meio para se apresentar e entender uma mensagem, através de uma transmissão visual de um sistema de signos, o qual pode ser estabelecido por uma linguagem verbal (oral e escrita) ou não verbal (visual, gestual, sonora, tátil e olfativa).

Martins, Picosque e Guerra (1998) afirmam que este sistema de signos está ao redor de todos e permite uma forma de cada um se expressar, comunicar e perceber através dos sentidos o tipo de linguagem que está sendo transmitida, como, por exemplo, se a comunicação é feita por linguagem oral ou gráfica.

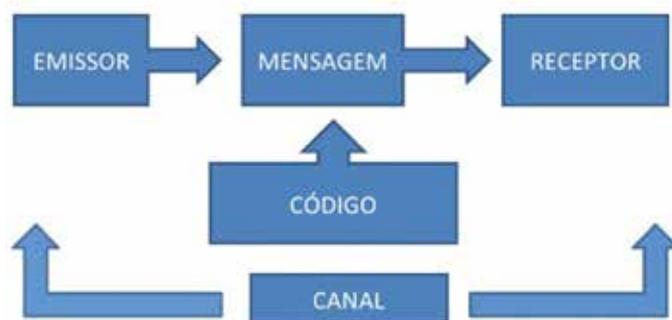
Elementos da comunicação visual

Para ocorrer a comunicação visual, é necessário que existam alguns elementos importantes para a efetiva transmissão da mensagem. Desta forma, Vanoye (1993) explica sobre o papel de cada um destes elementos da comunicação:

- **Emissor:** é o que produz e emite a mensagem; pode ser emitido por uma pessoa ou grupo.
- **Receptor:** quem recebe a mensagem; pode ser para uma pessoa, um grupo ou uma coletividade.
- **Mensagem:** é constituída pelo conteúdo de informações a serem transmitidas para o receptor; é o objetivo da comunicação.
- **Canal de comunicação:** meio de circulação das mensagens, pode ser físico ou virtual (revista, cordas vocais, TV, internet etc.).
- **Código:** conjunto de signos para transmissão da mensagem, podendo ser gesto, sons, linguagem oral ou escrita etc. É necessário o conhecimento deste código pelo receptor para que a mensagem seja compreendida.
- **Referente:** está ligado ao contexto ou situação a que a mensagem remete.
- **Ruído:** alguma perturbação que possa dificultar a compreensão da mensagem.

A seguir, apresenta-se um esquema para melhor visualização dos elementos da comunicação e suas relações:

Figura 10. Elementos da comunicação



Fonte: Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/paulacaldeira/comunicacao-visual-13467762>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

A partir do conhecimento destes elementos, percebe-se que na comunicação visual a mensagem deve ser bem pensada e organizada para que alcance o seu objetivo final, ou seja, para que o receptor a entenda corretamente. Neste contexto, deve-se tomar cuidado com os ruídos (perturbações) que dificultam a transmissão ou a boa compreensão da mensagem, e ainda, é necessário que o receptor tenha conhecimentos específicos relacionados ao conteúdo da mensagem que recebe, para que o este consiga entendê-la.

Signos artísticos

Ao longo da história, o homem realizou produções e descobertas em diversas áreas, o que contribuiu para o entendimento sobre a expressão e o desenvolvimento das diversas culturas e seus signos. Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 36) explicam que:

Como seres simbólicos, nossa autocriação e transformação cultural nos desenvolveram como seres de linguagem. Nós, humanos, somos capazes de conceber e manejar linguagens que nos permitem ordenar o mundo e dar-lhe sentido. Desde as pinturas das cavernas e as palavras do homem primitivo até as fórmulas e equações que levaram o homem a visitar a Lua e hoje navegar na Internet, há um percurso de invenções que o homem efetuou e vem efetuando por meio de sistemas de representação do mundo, sistemas simbólicos, ou seja, linguagens.

Dentre estas descobertas, as autoras afirmam que a arte é uma forma de criação de linguagens, podendo ocorrer por diversas formas, como pela linguagem visual, musical, cênica, dança, entre outras. Estas linguagens artísticas são formas do homem refletir sua existência e relação com o mundo, e ao desenvolver sua arte através de sistema sógnico, ele consegue elevar sua capacidade de criar e ler diversos signos com fins artístico-estéticos.

Metáfora

A metáfora possibilita estabelecer uma comparação, trata-se de substituir algo ou alguma realidade por outra, as quais possuem certa relação ou semelhança.

A linguagem artística permite produzir obras com formas simbólicas sensíveis, na qual o artista pode estabelecer um diálogo de sensibilidades entre os signos artísticos, e, desta forma, a obra de arte se apresenta como metáfora aos sentidos, resgatando pensamentos ou sentimentos no indivíduo que a observa (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 44).

Código da arte

Cada linguagem da arte possui códigos, ou seja, cada linguagem tem um sistema estruturado de signos. Passos (2011) diz que toda obra de arte possui um meio físico, podendo ser ele visual ou sonoro, e que ela é construída a partir de códigos, como movimentos, ações, gestos, linhas, cores e luz, sendo que estes códigos carregam e transmitem conteúdos que serão recebidos e interpretados pelo público. Sobre esta questão, Passos (2011, s.p.) afirma que:

Aquele que fala (ou aquele que escreve, pinta, interpreta, dança, compõe uma obra) deve sempre pressupor que alguém estará recebendo os signos das linguagens utilizadas (através dos órgãos dos sentidos) e percebendo ou interpretando seus conteúdos. A obra de arte nunca é somente expressão do artista ou criação de formas (do ponto de vista da produção), nem somente comunicação com o público ou apresentação de conteúdos (do ponto de vista da recepção). A obra de arte pode expressar, comunicar, apresentar e criar conteúdos.

O artista utiliza estes signos em seu fazer artístico de forma livre e incomum para criar suas obras; e como não há regras ou padrões para desenvolver sua arte, podem combinar linguagens (como cores, formas, sons, cheiros etc.) e inventar novas descobertas simbólicas, desenvolvendo assim sua própria linguagem artística (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 45).

Considerações finais

Atuamos no mundo lendo e produzindo linguagens, alinhamos complexos sistemas sógnicos que resultam em uma diversidade cultural. Com isso, podemos inferir que não existe uma realidade absoluta, mas sim realidades interpretáveis e relativas as quais podemos dizer que ensinar, na sua origem epistemológica, é indicar signos.

Manejamos a realidade através dos signos, criamos a possibilidade de falar das coisas que não estão fisicamente presentes. O real e o imaginário nessa dinâmica tendem a formar o processo comunicativo a partir das lembranças, das próprias referências e do repertório cultural.

Nossos pensamentos traduzem nossas experiências em signos, e toda e qualquer linguagem artística faz o ser humano pensar o seu “estar no mundo”. Quanto mais referências os alunos(as) tiverem, maiores e diferentes as possibilidades e perspectivas para análises e interpretações. Portanto, em sala de aula deve-se escolher “manejar a linguagem das cores, dos

sons, do movimento, dos cheiros, das formas e do corpo humano para fins artísticos-estéticos” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 34) sempre que possível, pois as aulas de artes devem ser momentos de experimentação, de ação e de transformação e, os estudantes, como pequenos alquimistas, podem manipular as essências da linguagem da arte, criando, recriando ou apreciando, pois assim estaremos efetivamente operando com maestria o que faz essa linguagem ser peculiar: a expressão sensível.

Referências

BUENO, M. L. A. **Leitura de imagem**. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

ECO, U. **Os limites da interpretação**. Trad. Pérola de Carvalho. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MARTINS, C. M.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 1998.

PASSOS, J. C. Arte como discurso ou discursividade nas linguagens artísticas. **Revista Cena em Movimento**, ed. 2, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/cenamov/article/view/22824/13225>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

ROSSI, M. H. W. **Imagens que falam: leitura da arte na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Guazelli, 2000.

_____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

UNIVERSIA. **Conheça interior vermelho, natureza morta sobre mesa azul, de Henri Matisse**. Projeto: um pouco de arte para sua vida. 2012. Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/07/02/947505/conheca-interior-vermelho-natureza-morta-mesa-azul-henri-matisse.html>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

VANOYE, F. **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Disponível em: <<http://sersibardari.com.br/wp-content/uploads/2010/09/Teoria-da-Comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.